

STEPHEN
KING

O BAZAR DOS
SONHOS RUINS

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 2015 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Bazaar of Bad Dreams

Capa
Jonathan Bush

Imagem de capa
Nicolas Obery

Preparação
Carolina Vaz

Revisão
Ceci Meira
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
O bazar dos sonhos ruins / Stephen King ; tradução
Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de
Letras, 2017.

Título original: The Bazaar of Bad Dreams.
ISBN 978-85-5651-030-3

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana
I. Título.

17-00905

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7527
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR

I shoot from the hip and keep a stiff upper lip.

— AC/DC

SUMÁRIO

<i>Nota do autor</i>	9
<i>Introdução</i>	11
Milha 81	17
Premium Harmony.....	65
Batman e Robin têm uma discussão.....	79
A duna	95
Garotinho malvado.....	111
Uma morte	151
A igreja de ossos	169
Moralidade.....	179
Vida após a morte.....	211
Ur.....	227
Herman Wouk ainda está vivo	289
Indisposta.....	311
<i>Blockade Billy</i>	331
Mister Delícia	373
Tommy.....	393
O pequeno deus verde da agonia.....	399
Aquele ônibus é outro mundo.....	427
Obituários	439
Fogos de artifício e bebedeira	481
Trovão de verão	513

NOTA DO AUTOR

Algumas destas histórias já foram publicadas, mas isso não quer dizer que estavam prontas nem que estão prontas agora. Até um escritor se aposentar ou morrer, o trabalho não está terminado — o texto sempre pode ganhar um polimento e algumas revisões. Há também algumas histórias novas. Tem mais uma coisa que quero que você saiba, Leitor Fiel: o quanto estou feliz de nós dois ainda estarmos aqui. É legal, não é?

— SK

INTRODUÇÃO

Fiz umas coisinhas para você, Leitor Fiel; estão todas expostas ao luar. Mas, antes de poder olhar para os pequenos tesouros feitos à mão que tenho aqui à venda, que tal conversarmos um pouco sobre eles? Não vai demorar. Venha, sente-se ao meu lado. Chegue mais perto. Eu não mordo.

Bem... nós nos conhecemos há bastante tempo, e desconfio de que você saiba que isso não é totalmente verdade.

É?

I

Você ficaria surpreso (ao menos, acho que ficaria) com a quantidade de pessoas que me perguntam por que eu ainda escrevo contos. O motivo é bem simples: escrevê-los me deixa feliz, porque nasci para entreter. Não sei tocar guitarra muito bem, muito menos sapatear, mas *sei* fazer isso. Então faço.

Sou romancista por natureza, isso eu admito, e tenho um gosto particular por histórias longas que criam uma experiência de imersão tanto para o autor quanto para o leitor, onde a ficção tem a chance de se tornar um mundo quase real. Quando um livro desses é bem-sucedido, o autor e o leitor não estão só tendo um caso; eles se casam. Quando recebo uma carta de um leitor ou uma leitora dizendo que ficou triste quando *A dança da morte* ou *Novembro de 63* chegou ao fim, sinto que o livro foi um sucesso.

Mas há algo especial nas experiências mais curtas e mais intensas. Podem ser revigorantes, às vezes até chocantes, como uma valsa com um estranho que você nunca mais vai encontrar, ou um beijo no escuro, ou uma bela raridade à venda sobre um lençol barato em um bazar. E, sim,

quando minhas histórias estão reunidas, sempre me sinto como um vendedor ambulante, um que só vende à meia-noite. Exibo minha mercadoria e convido o leitor (você) a escolher o que quiser. Mas sempre acrescento uma advertência: cuidado, meu caro, porque alguns desses objetos são perigosos. São aqueles que têm sonhos ruins escondidos dentro, os que não saem da sua mente enquanto o sono não chega, e você se pergunta por que a porta do armário está aberta se você sabe perfeitamente bem que a fechou.

II

Se eu dissesse que sempre gostei da disciplina rigorosa que as obras mais curtas de ficção impõem, estaria mentindo. Os contos exigem uma espécie de habilidade acrobática que precisa de muito treino exaustivo. *A leitura fácil é produto de uma escrita dedicada*, alguns professores dizem, e é verdade. Lapsos que podem passar despercebidos em um romance ficam gritantes em um conto. Uma disciplina rigorosa é necessária. O escritor precisa dominar seu impulso de seguir por caminhos alternativos fascinantes e permanecer na rota principal.

Nunca sinto tanto as limitações do meu talento como quando estou escrevendo obras curtas de ficção. Luto contra sentimentos de inadequação, contra um medo que vem do fundo da alma de que não vou conseguir cobrir o vão entre uma ideia excelente e a realização do potencial dessa ideia. No fim das contas, em linguagem simples, o produto final nunca parece tão bom quanto a ideia esplêndida que surgiu no meu subconsciente, junto com o pensamento empolgante: *Caramba! Tenho que escrever isso agora!*

Mas, às vezes, o resultado é bom. E, de vez em quando, o resultado é ainda melhor que o conceito original. Adoro quando isso acontece. O verdadeiro desafio é mergulhar na ideia, e imagino que seja por isso que tantos escritores amadores com grandes ideias nunca pegam a caneta ou começam a digitar no teclado. Com frequência, é como tentar ligar um carro em um dia frio. Primeiro, o motor não pega, só geme. Mas, se você insistir (e se a bateria não descarregar), o motor pega... funciona perfeitamente... e segue macio.

Algumas destas histórias vieram em uma faísca de inspiração (“Trovão de verão” foi uma dessas) e tiveram que ser escritas de uma vez só, mesmo que isso significasse interromper o trabalho em um livro. Outras, como “Milha 81”, esperaram pacientemente sua vez durante décadas. Mas o foco rigoroso necessário para criar um bom conto é sempre o mesmo. Escrever romances é um pouco como jogar beisebol, ou seja: uma partida demora o tempo que precisar, mesmo que chegue a vinte entradas. Escrever contos é mais como jogar basquete ou futebol americano: você está competindo contra o relógio tanto quanto contra o outro time.

Quando se trata de escrever ficção — romance *ou* conto —, a curva de aprendizagem não acaba nunca. Posso me declarar escritor profissional para a Receita Federal quando mando meu formulário de imposto de renda, mas, em termos criativos, ainda sou um amador, ainda estou aprendendo minha arte. Nós todos estamos. Cada dia que passo escrevendo é uma experiência de aprendizado e uma batalha para criar algo novo. Fingir não é permitido. Não se pode aumentar seu talento, isso vem com o pacote, mas é possível impedir que o talento encolha. Pelo menos, eu gosto de pensar que é.

E, ei! Eu ainda amo fazer isso.

III

Então, aqui estão as mercadorias, querido Leitor Fiel. Esta noite, estou vendendo um pouco de tudo: um monstro que parece um carro (tons de *Christine*), um homem que pode matar ao escrever seu obituário, um leitor digital que acessa mundos paralelos e o favorito de todos os tempos: o fim da raça humana. Gosto de vender meus produtos quando os outros vendedores já foram para casa faz tempo, quando as ruas estão desertas e a lua gelada flutua acima dos cânions da cidade. É nessa hora que gosto de abrir *meu* lençol e espalhar *minha* mercadoria.

Já chega de papo. Talvez você queira comprar algum dos meus produtos agora, não? Tudo que você vê foi feito à mão, e apesar de eu amar cada um

deles, fico feliz em vendê-los, porque os fiz especialmente para você. Fique à vontade para examinar todos, mas tome cuidado, por favor.

Os melhores têm dentes.

6 de agosto de 2014

Quando tinha dezenove anos e estudava na Universidade do Maine, eu dirigia de Orono até a cidadezinha de Durham, que costuma ser representada como Harlow nos meus livros. Eu fazia esse trajeto a cada três fins de semana, mais ou menos, para ver minha namorada... e, coincidentemente, minha mãe. Na época, dirigia uma perua Ford 61: seis em linha para dar a arrancada e três na árvore (se você não entendeu, pergunte ao seu pai). O carro chegou a mim depois de passar pelo meu irmão David.

A I-95 era menos usada naquela época e ficava quase deserta por longos trechos após o Labor Day, quando os turistas de verão voltavam para suas rotinas. Não havia celulares, claro. Se o carro enguiçava, você tinha duas opções: consertar ou esperar que um bom samaritano parasse e lhe desse uma carona até a oficina mais próxima.

Durante esses trajetos de cento e cinquenta milhas — cerca de duzentos e quarenta quilômetros —, eu desenvolvi um horror especial pela Milha 85, que ficava no meio do nada entre as cidades de Gardiner e Lewiston. Fiquei convencido de que, se o motor da minha perua velha fosse pro inferno, seria lá. Eu conseguia visualizá-la encolhida no acostamento, solitária e abandonada. Alguém pararia para ver se o motorista estava bem? Para ver se não estava, quem sabe, estirado no banco sofrendo um ataque cardíaco? Claro que pararia. Há bons samaritanos em toda parte, principalmente no interior. As pessoas que moram no meio do nada cuidam umas das outras.

Mas, pensei, e se minha perua fosse uma impostora? Uma armadilha monstruosa para os desavisados? Achei que daria uma boa história, e deu mesmo. Chamei-a de “Milha 85”. Nunca foi reescrita, muito menos publicada, porque a perdi. Na época, eu usava LSD com regularidade, e perdi um monte de coisas. Inclusive, por curtos períodos, a cabeça.

Vamos acelerar quase quarenta anos no futuro. Apesar do longo trecho da I-95 no Maine ser mais percorrido no século XXI, o trânsito ainda diminuiu bastante após o Labor Day, e os cortes no orçamento forçaram o estado a fechar muitas das áreas de descanso. O posto de gasolina com um Burger King (onde ingeri muitos Whoppers) perto da saída de Lewiston foi uma dessas áreas. Ficou abandonada, cada vez mais triste e esquecida atrás das placas de NÃO ENTRE que marcavam as rampas de entrada e saída. Invernos rigorosos destruíram o estacionamento, e ervas daninhas surgiram nas rachaduras.

Certo dia, quando estava passando por lá, me lembrei da velha história perdida e decidi reescrevê-la. Como a área de descanso abandonada era mais ao sul do que a temida Milha 85, tive que mudar o título. Todo o resto é basicamente a mesma coisa, eu acho. Aquele oásis rodoviário pode não existir mais, assim como a velha perua Ford, minha antiga namorada e muitos dos meus maus hábitos, mas a história continua existindo. É uma das minhas favoritas.

MILHA 81

1. PETE SIMMONS (Huffy 2007)

— Você não pode ir com a gente — disse o irmão mais velho. George falou baixo, apesar de o resto dos amigos (um grupo do bairro formado de garotos de doze e treze anos que se intitulavam Invasores Fodões) estar esperando no final do quarteirão. Não com muita paciência. — É muito perigoso.

— Não estou com medo.

Pete falou com coragem, apesar de *estar* com medo, um pouquinho. George e os amigos iam para o campo de areia atrás do boliche. Lá, eles iam brincar de um desafio que Normie Therriault tinha inventado. Normie era o líder dos Invasores Fodões, e a brincadeira se chamava Paraquedistas do Inferno. Havia uma ladeira esburacada que levava até a beirada da cascalheira, e a brincadeira consistia em descer de bicicleta a toda a velocidade, gritando “Os Invasores arrebentam!” o mais alto possível, e se levantar do selim na hora do salto. A queda era de uns três metros, e a área onde eles caíam era macia, só que mais cedo ou mais tarde alguém acabaria caindo no cascalho e não na areia, e quebraria o braço ou o tornozelo. Até Pete sabia disso (apesar de também entender por que aquilo aumentava a graça). Quando isso acontecesse, seus pais descobririam, e esse seria o fim dos Paraquedistas do Inferno. Mas agora, a brincadeira, feita sem capacetes, claro, continuava.

George sabia que não podia deixar o irmão participar da brincadeira; ele devia estar cuidando de Pete enquanto os pais trabalhavam. Se Pete quebrasse a Huffy na cascalheira, George ficaria de castigo por uma semana. Se seu irmãozinho quebrasse o braço, seria por um mês. E, caramba, se fosse o pescoço, George achava que ficaria preso no quarto até a hora de ir para a faculdade.

Além do mais, ele amava o pentelhinho.

— Fique aqui — disse George. — Nós voltamos daqui a duas horas.

— Ficar aqui com *quem*? — perguntou Pete.

Eles estavam de férias, e todos os *seus* amigos, os que a mãe diria que eram “da idade apropriada”, pareciam estar em outro lugar. Dois tinham ido para a Disney World, em Orlando, e quando Pete pensava nisso, seu coração se enchia de inveja e ciúme, uma mistura horrível, mas estranhamente saborosa.

— Só fique aqui — disse George. — Vá ao mercado, sei lá. — Ele remexeu no bolso e tirou duas notas de um dólar amassadas. — Compre algo pra você.

Pete olhou para o dinheiro.

— Nossa, vou comprar um Corvette. Talvez dois.

— Anda logo, Simmons, senão a gente vai sem você! — gritou Normie.

— Estou indo! — gritou George. E falou baixo para Pete: — Pegue o dinheiro e não seja babaca.

Pete pegou o dinheiro.

— Eu até trouxe minha lupa — disse ele. — Eu ia mostrar pra eles...

— Todos já viram esse truque bobo umas mil vezes — disse George, mas viu os cantos da boca de Pete murcharem e tentou aliviar o fora: — Além do mais, olhe para o céu, pateta. Não dá para criar fogo com lupa em um dia nublado. Fique aqui. Nós vamos jogar Batalha Naval no computador quando eu voltar.

— Beleza, seu merdinha! — gritou Normie. — Até janeiro, seu punheiteiro!

— Eu tenho que ir — disse George. — Me faça o favor de não se meter em confusão. Fique no bairro.

— Você vai acabar quebrando a coluna e ficando paralisado pra porra da vida toda — respondeu Pete... mas cuspiu rapidinho por entre os dedos para anular a maldição. — *Boa sorte!* — gritou ele para o irmão. — *Dê o maior salto!*

George acenou, mas não olhou para trás. Ficou de pé nos pedais da bicicleta, uma Schwinn velha que Pete admirava, mas na qual não conseguia andar (ele tentou uma vez e mal conseguiu sair da garagem de casa). Pete o viu acelerar pelo quarteirão de casas de subúrbio em Auburn para alcançar os amigos.

Pete ficou sozinho.

Ele tirou a lupa da bolsa e posicionou em cima do antebraço, mas não houve ponto de luz nem calor. Olhou com raiva para as nuvens baixas e guardou a lupa. Era das boas, uma Richforth. Ele ganhou no Natal, para ajudar com o projeto de ciências de colônia de formigas.

“Vai acabar na garagem, pegando poeira”, profetizara seu pai, mas, apesar de o projeto da colônia de formigas ter terminado em fevereiro (Pete e sua parceira, Tammy Witham, tiraram A), Pete ainda não havia se cansado da lupa. Ele adorava queimar buracos em pedaços de papel no quintal.

Mas não hoje. Hoje, a tarde se esticava infinitamente como o deserto. Ele podia ir para casa assistir à tv, mas o pai tinha bloqueado todos os canais interessantes quando descobriu que George estava gravando *Boardwalk Empire*, um programa cheio de gângsteres das antigas e peitinhos de fora. Havia um bloqueio similar no computador de Pete, e ele ainda não tinha descoberto a senha, apesar de saber que acabaria descobrindo; era só uma questão de tempo.

E agora?

— E agora o quê? — disse ele em voz baixa, e começou a pedalar devagar até o fim da rua Murphy. — E agora... o que... porra?

Ele era pequeno demais para brincar de Paraquedistas do Inferno porque podia se machucar. Que saco. Pete queria fazer alguma coisa para provar a George e a Normie e a todos os Invasores que até garotinhos eram capazes de encarar o peri...

A ideia lhe ocorreu de repente, vinda do nada. Ele podia explorar a área de descanso abandonada. Pete achava que os meninos mais velhos não sabiam sobre ela, porque foi um garoto da idade dele, Craig Gagnon, que lhe contou. Craig disse que tinha ido até lá com alguns outros meninos de dez anos, no último outono. Claro que ele podia ter inventado tudo, mas Pete achava difícil. Craig deu detalhes demais, e não era o tipo de garoto bom em inventar coisas. Era meio burrinho, na verdade.

Com um destino em mente, Pete saiu pedalando mais rápido. No final da rua Murphy, virou para a esquerda, na Hyacinth. Não havia ninguém na calçada, nem carros na rua. Ele ouviu o barulho de um aspirador de pó vindo da casa dos Rossignols, mas o resto da vizinhança podia estar dormindo ou morto. Pete achava que estavam trabalhando, igual a seus pais.

Ele entrou na travessa Rosewood, passando pela placa amarela que dizia BECO SEM SAÍDA. Só havia umas dez casas ali. No final da rua tinha uma cerca de arame. Atrás dela ficava um emaranhado de arbustos e árvores de troncos finos de uma área de reflorestamento. Quando Pete se aproximou da cerca (e da placa desnecessária que dizia DÊ A PREFERÊNCIA), ele parou de pedalar e seguiu só no embalo da bicicleta.

Ele entendia (vagamente) que, apesar de ver George e seus amigos dos Invasores como Garotos Mais Velhos (e com certeza era assim que os Invasores se viam), eles não eram *realmente* Garotos Mais Velhos. Os verdadeiros Garotos Mais Velhos eram adolescentes descolados que tinham habilitação e namorada. Os verdadeiros Garotos Mais Velhos estavam no ensino médio. Gostavam de beber, de fumar maconha, de ouvir heavy metal ou hip-hop e de chupar a saliva das namoradas.

Portanto, gostavam da área de descanso abandonada.

Pete desceu da Huffy e olhou ao redor para ver se estava sendo observado. Não viu ninguém. Nem os irritantes gêmeos Crosskill — que gostavam de pular corda (em sincronia) por todo o bairro quando não havia aula — estavam por perto. Um milagre, na opinião de Pete.

Não muito longe dali, dava para ouvir o barulho constante dos carros na I-95, seguindo para o sul, para Portland, ou para o norte, para Augusta.

Mesmo que Craig tenha falado a verdade, já devem ter consertado a cerca a essa altura, pensou Pete. Sou azarado assim.

Mas, quando se inclinou para perto, Pete viu que apesar de a cerca parecer inteira, não estava. Alguém (provavelmente um Garoto Mais Velho beirando a categoria chata de Jovem Adulto) tinha cortado os aros da cerca em uma linha reta de cima a baixo. Pete deu outra olhada ao redor, enfiou as mãos nos diamantes de metal e empurrou. Esperava resistência, mas não houve nenhuma. O pedaço cortado da cerca se abriu como um portão de fazenda. Os Garotos Mais Velhos de Verdade o usavam mesmo. Uhul.

Pensando bem, fazia sentido. Eles podiam ter habilitação, mas a entrada e a saída da área de descanso da Milha 81 estavam agora bloqueadas pelos cones laranja enormes que as equipes rodoviárias usavam. Havia grama crescendo pelo concreto rachado do estacionamento deserto. Pete tinha visto isso milhares de vezes, porque o ônibus da escola pegava a I-95

para percorrer as três saídas de Laurelwood, onde ia buscá-lo, e seguir até a rua Sabattus, onde ficava a Escola de Ensino Fundamental Auburn nº 3, também conhecida como Alcatraz.

Ele lembrava quando a área de descanso ainda estava aberta. Havia um posto de gasolina, um Burger King, um TCBY e um Sbarro's. Mas depois, fechou. O pai de Pete disse que havia áreas de descanso demais ao longo da rodovia e que o estado não tinha dinheiro para manter todas abertas.

Pete passou a bicicleta pela abertura na cerca, depois empurrou cuidadosamente o portão improvisado de volta até os formatos de diamante estarem alinhados e a cerca parecer inteira novamente. Andou na direção dos arbustos e tomou o cuidado de não passar os pneus da Huffy por vidro quebrado (tinha muito do outro lado da cerca). Ele começou a procurar o que sabia que devia estar ali; o corte na cerca era uma indicação.

E lá estava, marcada por guimbas de cigarro pisadas e algumas garrafas de cerveja e refrigerante vazias: uma trilha que levava para dentro do bosque. Ainda empurrando a bicicleta, Pete a seguiu. A vegetação alta o engoliu. Às suas costas, a travessa Rosewood continuava sonhando em mais um dia nublado de primavera.

Era como se Pete Simmons nunca tivesse passado por ali.

A trilha entre a cerca e a área de descanso da Milha 81 tinha, na estimativa de Pete, uns oitocentos metros, e havia marcas dos Garotos Mais Velhos por todo o caminho: seis garrafas marrons pequenas (duas com colheres de cocaína cobertas de meleca ainda presas), embalagens vazias de salgadinhos, uma calcinha de renda pendurada em um arbusto (parecia que estava ali havia um bom tempo, tipo uns cinquenta anos) e, *bingo!*, uma garrafa de vodca Popov pela metade com a tampa ainda enroscada. Depois de certo debate mental, Pete colocou a garrafa na bolsa, junto com a lupa, a edição mais recente de *Locke & Key* e alguns Oreos com recheio extra.

Ele empurrou a bicicleta por um riacho lento e, bingo duplo, saiu nos fundos da área de descanso. Havia outra cerca de arame — também cortada —, e Pete entrou direto. O caminho continuava através da grama alta até os fundos do estacionamento. Onde, ele supunha, os caminhões de entrega estacionavam. Perto do prédio, ele notou retângulos escuros no chão, onde

ficavam os lixões. Pete baixou o descanso da Huffy e a largou em cima de um deles.

Seu coração disparou quando ele pensou no que vinha em seguida. *Arrombamento e invasão de propriedade particular, bebê. Você pode ir preso.* Mas era arrombamento e invasão se ele encontrasse uma porta aberta ou uma tábua solta em uma das janelas? Ele achava que ainda era invasão, mas só a invasão era considerada crime?

Pete sabia que era, mas achou que, se não houvesse arrombamento, não seria preso. Afinal, ele não tinha ido até lá para correr um risco? Para fazer uma coisa da qual se gabar depois para Normie e George e para os outros Invasores Fodões?

Era verdade que estava com medo, mas pelo menos não estava mais entediado.

Ele tentou a porta com a placa apagada de SOMENTE FUNCIONÁRIOS e viu que ela não só estava trancada, como estava *seriamente* trancada, não cedia nem um centímetro. Havia duas janelas ao lado, mas ele percebeu, só de olhar, que estavam bem fechadas com tábuas. Em seguida, se lembrou da abertura na cerca de arame que parecia inteira e experimentou mexer nas tábuas. Não adiantou. De certa forma, foi um alívio. Talvez não precisasse se encrencar.

Só que... os Garotos Mais Velhos de Verdade *entravam* ali. Ele tinha certeza. Como faziam? Pela frente? Com visão plena da rodovia? Talvez se eles fossem à noite, mas Pete não tinha intenção de verificar isso em plena luz do dia. Não com qualquer motorista com um celular podendo ligar para a polícia para dizer: “Achei que vocês iam gostar de saber que tem um garotinho brincando na área de descanso da Milha 81. Lá onde era o Burger King, sabe?”

Prefiro quebrar o braço brincando de Paraquedistas do Inferno a ter que ligar para os meus pais da delegacia de Grey State. Na verdade, preferia quebrar os dois braços e ficar com o pinto preso no zíper da calça jeans.

Bom, talvez isso não.

Ele andou na direção da área de carga e descarga e lá, mais uma vez, *bingo!* Havia um monte de guimbas de cigarro pisadas próximas à plataforma de concreto, e mais algumas garrafinhas marrons ao redor do rei: um potinho verde-escuro de xarope NyQuil. A superfície da plataforma, da qual caminhões se aproximavam de ré para descarregar, ficava na altura

dos olhos de Pete, mas o cimento estava se desfazendo e havia vários apoios para os pés de um garoto ágil de All Stars de cano alto. Pete ergueu os braços acima da cabeça, encontrou apoios para os dedos na superfície rachada da plataforma... e o resto, como dizem, é história.

Lá em cima, em tinta vermelha desbotada, alguém tinha pintado EDWARD LITTLE ARREBENTA, OS RED EDDIES É QUE MANDAM. *Não é verdade*, pensou Pete. *Os Invasores Fodões é que mandam*. Em seguida, ele olhou ao redor, sorriu e disse:

— Na verdade, *eu* que mando.

E ali, de pé na parte de trás da área de descanso, ele sentiu que mandava. Ao menos, por enquanto.

Pete desceu, só para ter certeza de que não teria dificuldade depois, e se lembrou das coisas na bolsa. Suprimentos para o caso de decidir passar a tarde ali explorando e tal. Ele pensou no que levar, mas decidiu soltar a bolsa da bicicleta e levar tudo. Até a lupa poderia ser útil. Uma fantasia vaga começou a se formar na mente dele: detetive mirim descobre vítima de assassinato em área de descanso deserta e soluciona o crime antes de a polícia nem sequer saber que um crime tinha sido cometido. Ele conseguia se ver explicando para os boquiabertos policiais que, na verdade, tinha sido bem fácil. Elementar, meus queridos merdinhas.

Baboseira, claro, mas seria divertido fingir.

Ele colocou a bolsa na plataforma de carga e descarga (tomando cuidado por causa da garrafa de vodca pela metade) e subiu de novo. A porta de metal corrugado que levava para dentro tinha pelo menos três metros e meio de altura e estava presa na parte de baixo não por um, mas por dois cadeados gigantes, só que também havia uma porta de tamanho normal embutida nela. Pete experimentou a maçaneta. Não girou, nem a porta menor se abriu quando ele empurrou e puxou, mas cedeu um pouco. Bastante, na verdade. Ele olhou para baixo e viu que um calço de madeira tinha sido enfiado por baixo da porta; uma precaução ridícula. Por outro lado, o que mais se poderia esperar de adolescentes chapados de cocaína e xarope para tosse?

Pete tirou o calço e, desta vez, quando puxou a porta embutida, ela se abriu com um gemido.

As janelas grandes da frente do que havia sido o Burger King estavam cobertas de arame, em vez de tábuas, então Pete não teve dificuldade de ver o que tinha ali dentro. Todas as mesas e todos os bancos tinham sido retirados da área do restaurante, e a parte da cozinha era só um buraco escuro com alguns fios saindo das paredes e alguns dos azulejos do teto pendurados, mas o local não estava exatamente vazio.

No centro, cercadas de cadeiras dobráveis, duas mesas velhas de carreado tinham sido colocadas juntas. Na superfície ampla havia mais de dez cinzeiros de metal imundos, várias pilhas de cartas de baralho sujas e uma caixinha cheia de fichas de pôquer. As paredes estavam decoradas com vinte ou trinta pôsteres de revista. Pete os inspecionou com grande interesse. Ele já vira xoxotas — tinha visto várias na HBO e no CinemaSpank antes de os pais se darem conta e bloquearem os canais premium da TV a cabo —, mas aquelas eram xoxotas *raspadas*. Pete não sabia direito o que tinham de tão impressionante (pareciam meio nojentas), mas ele achava que mudaria de ideia quando ficasse mais velho. Além do mais, os peitinhos compensavam. Peitinhos de fora eram demais.

No canto, três colchões imundos foram colocados juntos, como as mesas, mas Pete tinha idade suficiente para saber que o que se passava ali não era um jogo de pôquer.

— Me mostra sua xoxota! — ordenou ele para uma das garotas da *Hustler* na parede, e riu. Em seguida: — Me mostra sua xoxota *raspada*!

Ele riu ainda mais. Pete queria que Craig Gagnon estivesse ali, apesar de Craig ser um retardado. Eles poderiam rir juntos das xoxotas raspadas.

Começou a andar de um lado para outro, ainda dando gargalhadas animadas. Estava úmido na área de descanso, mas não chegava a estar frio. O cheiro era a pior parte, uma combinação de fumaça de cigarro e maconha, bebida velha e infiltração nas paredes. Pete achou que também estava sentindo cheiro de carne podre. Provavelmente de sanduíches comprados no Rosselli's ou no Subway.

Na parede ao lado da bancada onde as pessoas pediam Whoppers e Whalers, Pete encontrou outro pôster. Esse era do Justin Bieber quando tinha uns dezesseis anos. Os dentes tinham sido pintados de preto, e alguém